

REVISTA

DO

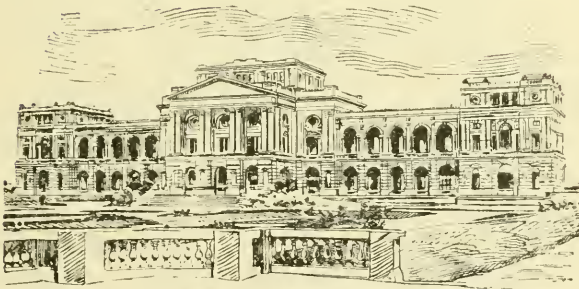
Museu Paulista

PUBLICADA POR

H. VON IHERING, DR. MED. ET PHIL.

Director do Museu

VOLUME IX



SÃO PAULO

Typ. do «Diário Oficial»

1914



George Marcgrave

*O primeiro sabio que veiu estudar a natureza do
Brazil — 1638 a 44*

POR

RODOLPHO VON IHERING

O primeiro naturalista que veiu á terra de Santa Cruz para estudar a flora e fauna, as terras e estrellas da nossa patria, bem merece ser conhecido mais de perto por todos nós que nos interessamos pelo desenvolvimento intellectual de nossa patria.

E quiz a fortuna que esse precursor dos nossos «Meyer's» fosse uma das personalidades das mais sympathicas e de mais ampla illustração; George Marcgrave, autor da «Historia Rerum Naturalum Brasiliae», publicada em 1648.

As informações que a seu respeito encontramos nas encyclopedias limitam-se a dizer que esse naturalista allemão viera ao Brazil em companhia do principe Mauricio de Nassau, governador das conquistas hollandezas no Pernambuco, que aqui se dedicou a estudos de historia natural e que, de collaboração com William Piso, escreveu o livro que acima mencionamos.

São, francamente, por demais laconicas taes informações biographicas, em se tratando de um vulto da nossa historia, do valor do Marcgrave, e assim cremos que será bem acolhido um resumo do estudo do dr. *E. W. Gudger* (Popular Science Monthly. IX, 1912), em que esse cientista norte americano reune e commenta todas as informações que poude obter ácerca do collega.

Julgamos ainda opportuno accrescentar alguns dados relativos ao livro de historia natural brasileira de Marcgrave, preciosidade bibliographica de inestimavel valor, da qual se encontra um exemplar, em optimo estado de conservação, na bibliotheca particular do dr. H. von Ihering.

* * *

George Marcgrave nasceu em 10 de Setembro de 1610 em Liebstadt, na Saxonia, Allemanha, e era filho de familia illustre — ao menos sabe-se que tanto o pae como o avô materno de George eram versados em theologia e sabiam latim e grego, o que naquelles tempos certamente correspondia a ser doutor hoje em dia. Aos 17 annos de idade, mandaram o joven percorrer o mundo, para que cultivasse as suas naturaes inclinaçõs para os estudos e aproveitasse as suas disposições musicaes e de pintura. Assim esteve Marcgrave em dez universidades (acalemias) allemãs, onde estudou mathematicas, botanica, chimica e medicina; por fim, não satisfeito ainda com tanto saber, dedicou-se ao estudo da astronomia, e assim trabalhou durante dous annos no observatorio de Leyden, onde se distinguiu pela illustração e pela actividade, produzindo trabalhos originaes que mereceram francos elogios dos seus mestres.

Contava Marcgrave 28 annos quando travou relações com Jean de Laet, director da Companhia das Indias Occidentaes, homem de grandes merecimentos e apreciador da boa sciencia. Estava, pois, o jovem naturalista bem recommendado ao conde de Nassau, que procurava formar em Pernambuco (ou melhor «Mauricia») a sua côrte intellectual.

Effectivamente, convidado por Nassau para prestar os seus serviços na exploração scientifica da nova colonia hollandeza, e tentado pelas maravilhas que lhe contavam da natureza brasileira, embarcou Marcgrave em 1.º de Janeiro de 1638, para dahi a a dous mezes pisar em terras pernambucanas.

Mauricio de Nassau sentia-se bem nesta roda de homens de sciencia e de artistas; alem de Marcgrave, ali estavam W. Piso, medico; o capellão Franz Plate, ulteriormente professor de theologia em Breda; H. Cralitz, jovem geographo allemão, infelizmente pouco depois victimado pelas febres; Elias Herkman, autor de uma monographia sobre a capitania da Parahyba; Peter Post, architecto de nomeada e tambem o irmão deste ultimo, Franz Post pintor de merecimento e autor de numerosos quadros de grandes dimensões, que representavam scenas da nossa natureza, alguns dos quaes foram offerecidos depois a Luiz XIV.

Era este o meio intellectual em que Marcgrave ia desenvolver a sua actividade. Pela sua cultura variada, que se extendia mesmo á architectura militar, o conde de Nassau tinha-o em alta conta, e assim lhe proporcionava todas as facilidades e recursos de que necessitava.

Era a primeira vez que um astronomo experimentado se dispunha a estudar o céu do hemispherio meridional e por isto o preclaro principe installou um observatorio em uma das torres de seu palacio «Freiburg», na ilha de Antonio Vaz, (Recife). Abi Marcgrave passava as noites a estudar as constellações e os planetas. Sabe-se mais que o conde dêra ordem aos capitães de navios que colligissem os dados astronomicos de que Marcgrave necessitasse para completar as suas observações. Um grande tratado de astronomia foi o resultado desses trabalhos e o manuscrito, dividido em tres partes, trazia o titulo «Progymnastica Mathematica Americana».

Desgraçadamente, porem, esse precioso manuscrito, antes de ser impresso, foi emprestado a uns e outros dos astronomicos de reputação na Hollanda, e assim perderam-se duas partes do mesmo, e só uma das tres foi impressa em 1658, o «Tractatus Topographicus et Metereologicus Brasiliæ cum Eclipsi Solaris».

Assim, pouco nos resta das primeiras obser-

vações astronomicas feitas no nosso hemispherio, sahidas do primeiro observatorio que se erigiu na America.

Marcgrave prestava ainda bons serviços á nova colonia hollandeza, traçando plantas de cidades e fortificações e confeccionando mappas das regiões conquistadas. Eram de sua lavra os mappas que o conde Nassau mandou gravar na Hollanda, mappas estes que então muito commumente se encontravam nas melhores casas hollandezas, como ornamento dos vestibulos.

Mas, já na sua segunda edição, esses mappas não lembravam mais o nome de seu autor.

Ainda a respeito de outro trabalho, muito provavelmente de Marcgrave, ha duvidas que talvez não seja possivel esclarecer.

É a magnifica collecção de aquarellas em que são representadas innumeradas especies da nossa flora e fauna; esta série, bem como uma outra no mesmo genero, pinturas a oleo, provavelmente de outro artista, ao todo 1.460 figuras, acham-se na Real Bibliotheca de Berlim. O Eleitor de Brandenburg adquirira as mesmas do principe Mauricio (então governador de Berlim) pelo preço de 50 mil thalers. Não se sabe o que deva ser attribuido a Marcgrave, visto como tambem ha os trabalhos de F. Post, ao qual já nos referimos, mas cujas obras principaes, pazagens, etc., desappareceram.

Assim, por toda a fórma, a fatalidade, combinada talvez á inveja, procurava fazer esquecer o nome illustre deste desventurado scientista. Resta apenas o seu livro «Historiæ Rerum Naturalium Brasiliæ».

Para a confecção do mesmo Marcgrave empregou os melhores dos seus esforços e, incançavel, durante os seis annos que permaneceu no Brazil, colligiu toda sorte de animaes e plantas, e descreveu e figurou-os de forma a serem facilmente reconhecidos; reuniu o que poude quanto a informações biologicas interessantes, indicando sempre os respectivos nomes em lingua indigena, bem como em

portuguez e hollandez. Menciona o livro ao todo 301 especies de plantas, das quaes 200 são figuradas, e 367 descripções de animaes, acompanhadas de 222 desenhos.

No palacio Freiburg de Nassau, o naturalista mantinha um pequeno jardim zoologico e acuarios tanto para peixes do mar como da agua doce.

Dos diarios de Marcgrave (que aliás se perderam depois de 1730) soube Manget que o nosso cientista fizera varias excursões á Parahyba, ao Rio Grande do Norte e para o interior; isto nos annos de 1638 a 40. Os diarios de 1641 a 44, si existiram, não foram vistos por Manget ou quem por elle escreveu a biographia de Marcgrave, na Bibliotheca Scriptorum Medicorum, de 1731. Devia ter sido immenso o material zoologico e botanico reunido por esta forma; o principe Nassau tinha verdadeira paixão por esses estudos, não duvidando mesmo em transformar o seu sumptuoso palacio Freiburg em verdadeiro museu. Marcgrave examinou ahi mesmo especimens provenientes da Africa, e sabe-se de uma expedição ao Pacifico, de onde lhe trouxeram a lhama chilena, que vem figurada pela primeira vez na nossa Historia Rerum Nat. Brasiliæ.

Ao regressar para a Europa o conde carregou consigo todas essas collecções e tantas riquezas havia reunido o nosso Marcgrave, que sem empobrecer as suas proprias collecções, Nassau poude presentear os dous museus da Hollanda e ainda varios gabinetes de naturalistas particulares, com um sem numero de especimens.

Em 1644 Marcgrave escrevia a seus collegas da Europa, que tencionava voltar em breve á patria, para ahi concluir os seus manuscritos e entregal-os ao prelo. Mas, inesperadamente, teve ordem de seguir para a Africa. Ahi, apenas aportou em Angola, foi poucos dias depois victimado pelas febres (julho ou agosto de 1644). Era o destino que se interpunha á brilhante carreira, que dahi em diante estaria aberta ao jovem naturalista, então apenas

com 34 annos de idade. Os seus conhecimentos extendiam-se por todos os ramos da sciencia natural e, com outro tanto de vida que lhe fosse concedido, como sexagenario, qual Aristoteles, elle teria abrangido todo o saber humano de seu tempo.

Si para a sciencia do seculo XVII, a morte prematura de Marcgrave foi lastimavel, no Brazil esta perda avalia-se pelo estacionamento da investigação scientifica, que veio como que deplorar o mallogrado naturalista: dois seculos quasi de luto fechado. Effectivamente, só depois de 1820 as nossas riquezas naturaes conseguiram attrahir novamente scientistas de valor, como os Spix e Martius, Wied, Castelnau, d'Orbigny, etc.

Resta-nos ainda dizer alguma cousa sobre o grande livro de Historia Natural do Brazil do nosso autor, unico legado scientifico pelo qual hoje em dia podemos aquilatar os meritos de Marcgrave. E ainda aqui predomina a triste nota do infortunio. Como vimos, Marcgrave não teve tempo para concluir a sua obra principal; o seu manuscripto consistia em folhas esparsas, cada uma das quaes estudava uma determinada especie e poucas são as paginas de considerações geraes. Não fôra a paciencia de seu grande amigo, Jean de Laet, ao qual já nos referimos, e não teria sido possivel imprimir o precioso manuscripto. E accresciam ainda circumstancias que difficultavam sobremaneira este trabalho já em si tão arduo para quem, como Laet, era leigo na materia, verdadeiros «handicaps», na expressão do biographo dr. Gudger.

Talvez, pelo facto de serem officiaes do mesmo officio, Marcgrave e W. Piso, o medico de Nassau, não conseguiram manter relações de boa camaradagem, e o procedimento ulterior do «physicus» parece revelar-nos que fôra o character pouco leal de Piso que motivára as desavenças.

Previendo talvez a sua morte prematura, e temendo que o seu trabalho fosse usurpado pelo collega, Marcgrave escrevia todos os seus trabalhos botanicos e zoologicos em caracteres cifrados; outro

tanto não fez em astronomia, materia á qual Piso era inteiramente extranho.

O proprio Laet no prefacio da Historia Natural diz que a decifração *secundum alphabetum secreto relictum* lhe custou trabalho insano.

Assim, por um lado a difficuldade da leitura do manuscripto, e por outro a natural desordem em uma monographia não concluida, teriam feito desanimar quem não se consagrasse ao trabalho com a dedicacão e a pertinacia do benemerito Laet.

Finalmente, em 1648, foi publicada a obra. As 132 primeiras paginas são da lavra de W. Piso : «De Medicina Brasiliensi»; a Historia Natural de Marcgrave comprehende 303 paginas, illustradas com 429 figuras.

Não é nossa intenção fazer aqui uma apreciação do valor sicientifico dessa obra; nem isso seria necessario, porque varios cientistas de nomeada já se deram ao trabalho de analysal-a ponto por ponto.

Mencionaremos Lichtenstein, que em 1814 identificou a maior parte dos animaes descriptos por Marcgrave e von Martius, que realizou egual estudo com relação á botanica

Poderíamos citar ainda Cuvier e tantos outros naturalistas que enaltecem o valor dessa obra, que tão vantajosamente se distingue das outras congeneres, de seu tempo.

Gesner e Aldrovandi eram os autores de maior cotação nesse tempo.

Elles, porem, limitavam-se a citar e confrontar os textos dos classicos e quem encontrasse a referencia mais antiga, ainda que ella fosse a mais absurda, tinha dado prova da maior competencia e erudição.

Infelizmente, não raro ainda hoje, essa erudição medieval consegue, entre nós, offuscar... certas classes.

Marcgrave, pelo contrario, estudava no grande livro da Natureza, onde dia por dia encontrava novas maravilhas.

O perigo consistia justamente em que o naturalista, tão preocupado em observar os factos e seus

detalhes, perdesse de vista as leis geraes que o seu espirito philosophico estava talhado para investigar ; ou por outra, por fazer tanta analyse, poderia esquecer-lhe a synthese.

Devemos lembrar, porem, que Marcgrave devia tratar antes de tudo de colligir os materiaes, para depois, mais commodamente na Europa se entregar ás locubrações philosophicas. Temos noticia de trabalho iniciado nesse sentido pelo nosso naturalista : eram considerações sobre a distribuição geographica das plantas (test munham-no Driesen e de Laet), thema biogeographico este que só muito modernamente mereceu melhor conceito na sciencia.

Queremos mencionar ainda que Piso parece ter ficado muito descontente com as homenagens que Laet prestou a Marcgrave ao editar a obra deste em 1648 ; ao menos em 1658 Piso reeditou a mesma obra, já agora com outro titulo («*Indiae utriusque Re Naturali et Medica*» Amsterdam.). Laet já não contava mais entre os vivos para detender Marcgrave e a sua obra, e assim nessa segunda edição, Piso modificou tudo a seu sabor.

Mas alem de se apoderar da propriedade litteraria do collega fallecido, ao qual só se refere incidentalmente, o medico de Nassau deturpou de tal forma os escriptos de Marcgrave que a cada passo se encontram inverdades ou erros que não existiam na primeira edição e que devem ser attribuidos, pela maior parte, á falta de conhecimento nesses assumptos por parte de Piso. Desta forma o companheiro de Marcgrave, em vez de colher maiores louros, com essa edição de 1658, só conseguiu baixar o conceito em que será tido pelos seus criticos. Discutam os latinistas a interpretação que devam dar aos qualificativos com que nos prefacios da 1.^a e 2.^a edição elle se refere a Marcgrave ; a nós parece que mesmo na primeira dellas já se descobre uma pontinha de inveja mal soffreada. E por ahí se vê que bem avisado andou Marcgrave escrevendo os seus trabalhos em caracteres cifrados, para evitar que alguém se aproveitasse dos seus manus-

criptos, si por acaso viesse a fallecer antes de publical-os («si forte quid humanitus ipsi accidisset antequam ipse illos posset publici juris facere. . .» Laet, Prefacio 1648).

Reconhecendo, pois, os altos meritos do naturalista que nos deu a primeira Historia Natural do Brazil, é de justiça salientar ao mesmo tempo o quanto devemos ao Principe Mauricio de Nassau, que proporcionou ao jovem sabio todos os meios para escrevel-a. E ainda é a Jean de Laet, o testamenteiro literario do nosso autor, que devemos a boa impressão da obra, que sem a intervenção desse seu amigo se teria perdido.

Eis abi, em summa, o que hoje sabemos da vida do mallogrado sabio, que com tanto entusiasmo dedicára os melhores annos de sua vida á exploração scientifica do nosso paiz.

Por mais que se procurasse, foi impossivel descobrir algum retrato de Maregrave; os restos mortaes, sepultados como os de um desconhecido, estão, talvez para sempre, perdidos na costa africana.

Um monumento, porem, «aere perennius», elle proprio se levantou — a *Historia Rerum Naturalium Brasiliae*.

Quando algum dia um scientista moderno puder escrever uma obra que venha a corresponder ao que foi, em seu tempo, o livro do naturalista de 1640, uma obra original, illustrada, que estude o céu e a terra, as gentes, os animaes e as plantas do nosso paiz, quando essa obra se imprimir, o livro de Maregrave terá festejado seu tricentenario e teremos feito justiça ao seu autor.
